

**Fora das Missões:  
Os Colégios jesuíticos no Brasil no final do século XVI.**

Breno Machado dos Santos\*

brenomsantos@ig.com.br

Grupo de Pesquisa: Igreja Católica no Brasil

### **Introdução**

A produção intelectual voltada sobre a atuação jesuítica no Brasil tem se mostrado ainda predominantemente marcada pela temática que envolve o encontro cultural ocorrido entre índios e missionários na Colônia. No entanto, recentemente a historiografia vem se preocupando cada vez mais com outras atividades realizadas pelos inicianos no Brasil. Exemplo disso é a importante obra de Paulo de Assunção, intitulada *Negócios Jesuíticos*, em que o autor aponta haver uma forte preocupação por parte da Ordem em relação à administração das diversas tarefas de caráter secular em que a Companhia se mostrava envolvida.<sup>1</sup> Neste sentido, alguns trabalhos historiográficos têm chamado a atenção para a existência de distintas posturas no interior da Companhia de Jesus surgidas a partir da eclosão dos diversos Colégios da Ordem, processo este que teria instaurado uma “crise” no Instituto caracterizada pela perda do “verdadeiro espírito missionário” em uma parcela considerável de seus membros.<sup>2</sup>

Desta forma, com base em tais apontamentos, este estudo busca investigar as atividades realizadas pelos inicianos junto aos seus Colégios no Brasil, durante o final do século XVI. Resgatar parte da história ligada a estes espaços constituintes do núcleo da Ordem na Colônia nos permitirá ampliar o nosso olhar em relação presença da Companhia de Jesus no Brasil.

### **1. Os “caminhos” da caridade**

Fundada oficialmente em setembro de 1540, através da bula *Regimini militantis ecclesiae* concedida pelo papa Paulo III, a Ordem dos jesuítas apresentava como principal propósito a propagação da fé e o progresso das almas na vida e doutrina cristã, baseando suas atividades no ministério de Jesus e de seus discípulos, ou seja, no ideal apostólico e itinerante (*vita apostolica*) exemplificado no Novo Testamento.<sup>3</sup>

---

\* Bacharel e Licenciado em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora, MG. Mestrando vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, MG.

<sup>1</sup> ASSUNÇÃO, Paulo de. *Negócios Jesuíticos: o cotidiano da administração dos bens divinos*. São Paulo: EDUSP, 2004.

<sup>2</sup> Ver, por exemplo, os trabalhos dos seguintes autores: O'MALLEY; EISENBERG; CASTELNAU-L'ESTOILE.

<sup>3</sup> O'MALLEY, John W. *Os Primeiros Jesuítas*. São Leopoldo, RS: UNISINOS; Bauru, SP: EDUSC, 2004, p. 39.

No entanto, tal modelo evangélico rapidamente começaria a sofrer seus primeiros abalos, frutos de tensões no interior da Ordem, surgidas a partir da eclosão dos Colégios da Companhia. A *Fórmula do Instituto*, escrita em 1539 – semelhante à *Regra* de outras Ordens religiosas – prescrevia que os jesuítas podiam estabelecer domicílios próximos às universidades, sem qualquer tipo de instrução, com a intenção de lhes proporcionarem unicamente alojamento para a manutenção de suas formações.<sup>4</sup> Aos poucos a idéia de que os próprios inicianos poderiam ministrar aulas aos noviços foi surgindo e ganhando amplitude, processo este que mais tarde evoluiu e resultou na abertura do primeiro Colégio da Companhia de Jesus destinado a estudantes jesuítas e não-jesuítas, em Gandia, no ano de 1546. Assim, estava dado um passo importante para o surgimento de um novo ministério na história da Ordem que se consolidou dois anos mais tarde, na experiência ocorrida em Messina, reunindo um grupo contendo alguns dos melhores talentos da Companhia disponíveis em Roma para darem aulas gratuitas de teologia, casos de consciência, de artes, de retórica e de gramática, sob o financiamento das autoridades políticas da cidade italiana.<sup>5</sup> O ensino gratuito e de qualidade oferecido pelos jesuítas é um dos fatores que explicam o sucesso e a conseqüente proliferação dos Colégios na Europa e nos territórios coloniais, espaços que se apresentavam, na maioria das vezes, desprovidos de tais serviços.<sup>6</sup>

Desta forma, segundo as palavras de Polanco – Secretário Geral da Ordem - em carta endereçada a todos os superiores no ano de 1560, a Companhia passava a enxergar duas possibilidades de ajudar ao próximo: uma através dos Colégios, por meio da educação da juventude, no ensino e na vida cristã; a outra, por meio dos sermões, confissões, e outros meios que se enquadram no costumeiro *noster modus procedendi* dos jesuítas.<sup>7</sup>

No entanto, se por um lado, a Ordem recém fundada começava a ganhar espaço e prestígio junto à sociedade, por outro lado, problemas de caráter institucional começavam a surgir como reflexo do crescimento desenfreado dos Colégios. O primeiro grande impacto de tal processo é quanto à transformação no caráter do importante voto de pobreza firmado pelos jesuítas. Além do fato de terem se tornado grandiosos proprietários de imponentes obras arquitetônicas, assim como grandiosas propriedades rurais, os inicianos acabaram se rendendo facilmente a aceitação de coros e doações para a manutenção dos estabelecimentos de ensino. Outra questão importante diz respeito à criação de um vínculo mais estreito com indivíduos das classes média e superior da sociedade, uma vez que a maior parte dos estudantes era proveniente de tais segmentos. Não menos importante é a relação estabelecida

---

<sup>4</sup> Ibid., p. 316.

<sup>5</sup> O'MALLEY, John W. As escolas. In: \_\_\_\_\_. *Os Primeiros Jesuítas*. São Leopoldo, RS: UNISINOS; Bauru, SP: EDUSC, 2004.

<sup>6</sup> Ibid.

<sup>7</sup> Ibid., p. 313.

pelos membros do Instituto com a literatura pagã e com a cultura secular. Ao assumirem cargos de ensino de disciplinas como matemática, astronomia, filosofia natural (física) e humanidades os jesuítas se aproximavam de uma esfera intelectual que se relacionava apenas indiretamente com a religião cristã.<sup>8</sup> Segundo O'Malley,

os jesuítas mais velhos começaram a queixar-se de que os escolásticos enviados aos colégios, especialmente aqueles procedentes do altamente prestigioso Colégio Romano, conheciam Terêncio melhor do que conheciam Tomás de Aquino. Os escolásticos haviam se acostumado a delicadezas na alimentação e vestimentas e mostrado favoritismo no tratamento dos estudantes e manifestavam pouco interesse em ensinar, eram 'áridos nas coisas do espírito' e sonhavam com a 'honra de uma cátedra'.<sup>9</sup>

Por fim, não podemos deixar de apontar o abalo em relação à primeira característica da Companhia, ou seja, o fato de os jesuítas estarem livres para realizarem missões em qualquer parte do mundo. O surgimento dos estabelecimentos de ensino amplos e complexos requeria a presença constante de professores e administradores capazes de sustentar tal sistema. Assim, "a tensão entre a insistência contínua sobre a necessidade da mobilidade e o compromisso a longo prazo requerido pelos colégios permaneceria através da história dos jesuítas".<sup>10</sup>

## 2. Os Colégios do Brasil

Os primeiros jesuítas enviados ao Brasil chegaram à Bahia em março de 1549 acompanhando o primeiro Governador-Geral Tomé de Souza, e um ano após estarem estabelecidos na Colônia, alguns membros da Ordem já se encontravam na capitania de São Vicente dando início a construção de uma Casa da Companhia.

Embora o nosso principal objetivo seja tecer uma análise da atuação dos jesuítas no âmbito dos Colégios no Brasil quinhentista, apontar algumas características e atividades ligadas as duas primeiras Casas da Companhia de Jesus na Colônia nos permitirá, posteriormente, compreender melhor o processo de crescimento e consolidação dos Colégios a partir da década de 1580.<sup>11</sup>

A Casa de São Vicente, fundada pelo padre Leonardo Nunes no ano de 1550, reunia alguns "meninos da terra" e Irmãos mamelucos que serviam como intérpretes para os padres da Companhia.<sup>12</sup> Segundo as palavras de Manuel da Nóbrega,

Esta Casa servia de doutrinar os filhos e os paes e mães, e outros alguns(...) Nesta Casa se lê grammatica a quatro ou cinco da Companhia e lição de casos a todos, assim Padres como Irmãos, e outros exercícios espirituais; a manença da Casa, a principal, é o trabalho de Índios, lhe dão de seus mantimentos, e é boa industria de um homem leigo que, com tres ou quatro escravos da Casa e outros tantos seus, faz mantimentos, criação, com que mantém a

<sup>8</sup> Id., p. 375.

<sup>9</sup> Id., p. 356.

<sup>10</sup> Id., p. 373.

<sup>11</sup> De maneira geral, pode-se apontar que a principal diferença entre Colégio e Casa é de caráter econômico, pois os primeiros eram providos de recursos que lhes garantissem uma autonomia econômica.

<sup>12</sup> Carta do Padre Leonardo Nunes do Porto de S. Vicente do ano de 1550. In: *CARTAS AVULSAS* (Azpicuelta Navarro e outros). Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988, p. 88.

Casa, e com algumas esmolas, que alguns fazem á Casa, e com a esmola que El-Rei dá; tem também esta casa umas poucas vaccas(...) Desta maneira vivemos até agora nesta capitania, onde estavamos seis Padres de missa e quinze ou dezesseis Irmãos por todos.<sup>13</sup>

Em situação semelhante à Casa de São Vicente estava a Casa dos Meninos de Jesus na Bahia, que também no ano de 1550 passa a oferecer o ensino elementar (ler e escrever) a órfãos portugueses e crianças indígenas e mamelucas. Segundo o relato escrito pelo padre Manuel da Nóbrega, em 1552,

Este collegio dos meninos de Jesus vai em muito crescimento, e fazem muito fructo(...) o mantimento e vestiaría, que nos El-Rei dá, todo lh'ò damos a elles, e nós vivemos de esmolas, e comemos pelas casas com os criados desta gente principal, o que fazemos por que se não escandalizem de fazermos roças e termos escravos, e para saberem que tudo é dos meninos. O Governador ordenou de dar a dez [jesuítas] que viemos de Portugal um cruzado em ferro cada mez, para a manança de cada um, e cinco mil e seiscentos réis para vestir cada anno (...) Já tenho escripto sobre os escravos que se tomaram, dos quaes um morreu logo, como morreram outros muitos, que vinham já doentes do mar; tambem tomei doze vaquinhas para a criação, e para os meninos terem leite (...) em toda maneira este anno tragam os Padres provisão d'El-Rei, assim de escravos como destas doze vaccas, porque tenho dado fiador para dentro de um anno as pagar a El-Rei, e será grande fortuna si deste anno passar; nas vaccas se montaram pouco mais de trinta mil réis, e tambem os outros collegios das capitaniaes querem fazer os moradores, e escrevem-me cartas sobre isso, e querem dar escravos e muita ajuda.<sup>14</sup>

Como demonstrado no trecho da carta acima, auxiliados por esmolas e mercês provenientes das autoridades portuguesas, assim como da elite colonial, os jesuítas rapidamente encontraram recursos que os ajudassem na manutenção e no crescimento de suas residências na Colônia. Desta forma, já no ano de 1556, a Casa dos Meninos da Bahia é elevada ao posto de Colégio Canônico. Eis a situação do estabelecimento recém-fundado:

Na cidade reside o padre Antonio Pires, como Reitor da Casa, com o padre Ambrosio Pires, o qual agora tem cuidado de lêr uma classe aos que mais sabem latim, e tem também a seu cargo as prégações da cidade; ficaram com Antonio Blasques os que menos sabiam; ha na mesma Casa, assim mesmo, eschola de lêr a alguns meninos do Gêtio, e com elles se ensinam outros da cidade, e de todos tem cuidado um Irmão; os estudantes de fóra, não são mais que tres ou quatro moços capellães da Sé; mas de casa são onze ou doze, d'elles irmãos, e outros orphãos, d' aquelles que pareceu mostrarem e terem melhor habilidade para estudarem e melhores partes para poderem ser da Companhia; todos os mais orphãos são dados a officios, salvo dous ou tres, que nem são para serem da Companhia, por serem mal dispostos, nem para se darem officios, por não serem para isso; a estes não vemos outro remedio, salvo tornal-os lá a mandar.<sup>15</sup>

Após ter edificado os Colégios de São Paulo e da Bahia no ano de 1556, a Companhia de Jesus fundaria ainda no século XVI o Colégio do Rio de Janeiro em 1567 – fruto da transferência do Colégio de São Paulo - e o de Pernambuco, no ano de 1576.

<sup>13</sup> Carta do Padre Manuel da Nóbrega para o padre Ignácio [de Loyola] (1556). In: *Cartas do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988, p. 152-153.

<sup>14</sup> Carta do Padre Manuel da Nóbrega para o padre Provincial de Portugal (1552). In: *Cartas do Brasil*. op. cit., p. 129-130.

<sup>15</sup> Carta do Padre Manuel da Nóbrega para o Provincial de Portugal (1557). In: *Cartas do Brasil*. op. cit., p. 171.

### 3. Revendo conceitos

Passado três décadas após a chegada dos primeiros inacianos ao Brasil, o empreendimento missionário na Colônia encontrava-se em um momento de dificuldade. Entre os principais fatores responsáveis pelo declínio dos aldeamentos estão as constantes fugas e os elevados índices de mortalidade indígena; os abusos cometidos pelos colonizadores, fazendo com que os nativos – principalmente os não-aldeados - olhassem com desconfiança o trabalho realizado pelos padres da Companhia; a instituição de leis ambíguas que davam margem para constantes manobras por parte dos colonos, no intuito de obter a mão-de-obra nativa, inclusive junto aos aldeamentos; por fim, a ineficácia das conversões. Assim, com base nas informações escritas pelo padre Anchieta no início da década de 1580, dos quatorze aldeamentos assentados no nordeste brasileiro durante as duas primeiras décadas de trabalho missionário, que chegaram a reunir aproximadamente quarenta mil indígenas, apenas três deles havia remanescido na Bahia, agrupando no máximo três mil e quinhentas almas.<sup>16</sup>

Desta forma, se por um lado, os jesuítas entram no período da União Ibérica enfrentando uma fase difícil no que se refere às missões de catequese indígena, por outro lado, os trabalhos desenvolvidos pelos inacianos junto aos Colégios revelam o surgimento de um importante momento histórico para a Ordem no Brasil, caracterizado pela consolidação e expansão de novas diretrizes de atuação da Companhia que lhe conferiam uma posição de destaque na sociedade colonial.

Para sustentar tais argumentos, vejamos primeiramente a descrição do Colégio da Bahia presente na “*Narrativa Epistolar*” escrita pelo padre Fernão Cardim, no ano de 1585.

Os padres têm aqui collegio novo quasi acabado; é uma quadra formosa com boa capella, livraria, e alguns trinta cubículos, os mais delles têm as janellas para o mar. O edificio é todo de pedra e cal de ostra, que é tão boa com a de pedra de Portugal. Os cubiculos são grandes, os portaes de pedra, as portas d’angelim, forradas de cedro; das janelas descobrimos grande parte da Bahia (...). A igreja é capaz, bem cheia de ricos ornamentos de damasco branco e roxo, veludo verde e carmesim, todos com tela d’ouro; tem uma cruz e thuribulo de prata (...). O Collegio tem tres mil cruzados de renda, e algumas terras adonde fazem mantimentos; residem nelle de ordinario sessenta; sustentam-se bem de mantimentos, carne e pescados da terra; nunca falta um copinho de vinho de Portugal (...) vestem e calçam como em Portugal; estão empregados em uma lição de Theologia, outra de casos, um curso d’artes, duas classes de humanidades, escola de ler e escrever; confessam e pregam em nossa igreja, sé, etc. Outros empregam-se na conversão dos índios.<sup>17</sup>

O relato acima, embora priorize os traços físicos do Colégio, descreve algumas atividades desenvolvidas no interior dos mesmos, nos permitindo visualizar o grau de transformação sofrido pelo estabelecimento em três décadas: de uma humilde casa de taipa

<sup>16</sup> ANCHIETA, José de. Dos impedimentos para a conversão dos Brasis e, depois de convertidos, para o aproveitamento nos costumes e vida cristã [1984]. In: *Cartas Jesuíticas 3: Informações, fragmentos históricos e sermões*, p. 385.

<sup>17</sup> CARDIM, Fernão. *Narrativa Epistolar de uma Viagem e Missão Jesuítica*. In: *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, p. 144-145.

destinada aos meninos órfãos portugueses, mamelucos e índios para uma imponente obra arquitetônica. De simples residência que ensinava a ler e escrever, o Colégio da Bahia, já na década de 1580, disponibilizava aos seus estudantes, além das aulas de ensino secundário (Letras Humanas) os cursos superiores de Artes e Teologia, ciclo geral dos estudos da Companhia de Jesus.<sup>18</sup> Cabe ainda apenas destacar o fato de a informação de Cardim pontuar a existência de uma distinção entre as atividades dos jesuítas: professores/pregadores em oposição a missionários catequistas. Porém, antes de analisar este dado, vejamos mais algumas características dos Colégios no final do XVI.

De acordo com o documento formulado por seis padres jesuítas ligados ao Colégio da Bahia, no ano de 1592, em resposta aos ataques feitos à Companhia de Jesus pelo senhor-de-engenho Gabriel Soares de Sousa, o Colégio da Bahia continha uma média de 60 residentes, o do Rio de Janeiro 50 e o de Olinda 20, sendo que a manutenção dos mesmos era assegurada desde o tempo de D. Sebastião, que “sucendendo no zelo da conversão como no reino de seu avô, fundou os três colégios que [Gabriel S. Sousa] diz, dando-lhes renda certa para cento e trinta religiosos, à razão de vinte mil réis para cada um, que fazem seis mil e quinhentos cruzados, como parece pelos padrões (...)”.<sup>19</sup> Somados a tais benefícios, estavam outras formas de rendimentos provenientes das diversas doações, esmolas e mercês concedidas por autoridades coloniais e moradores da capitania, que possibilitaram ao Colégio da Companhia de Jesus na Bahia acumular, segundo os próprios inicianos, os seguintes bens:

Não tem o colégio 4.500 cruzados senão 3.000 como consta no padrão. Tem alguns currais de gado com o qual, além de fazer serviço ao povo em lhe não tomar a carne que ele há mister e de que não é abastado, cumprem com suas necessidades que sem eles era impossível sustentar-se, como é notório. A renda que tem das propriedades não passa de doze mil rs. Tem uma fazenda, donde tem os beijus e farinha para sua mesa e para sua gente, compram cada ano mais de cento e cinquenta mil rs. de mantimento. As Aldeias, que tem, são de El-Rei e do povo, e dos índios nos servimos, como os mais da terra (...).<sup>20</sup>

Em outra passagem:

O Colégio anda sempre endividado e pede emprestado a uns para pagar os outros, e hoje, este dia, está devendo mais de 4.000 cruzados aqui e no reino. Não cortam carne no açougue, antes muitas vezes compram gado, porque se não acabe, que a falta dos pastos faz haver pouca multiplicação, vendem alguns novilhos na granja; dos mantimentos e renda das terras já está respondido. Os porcos são tão poucos, que não são poderosos para matar cada semana um para velhos e mal dispostos; os carneiros alguma hora têm algum por Páscoa; as galinhas muitas vezes compram para seus doentes; o peixe fresco o mais dele comprar na vila velha e no engenho de Cardoso; provaram na rede, largaram-na por ser de muito custo e pouco proveito (...) os bois de carro não passam de 24 até 26; o que diz da caça de alimárias e aves, é muito para rir; as Aldeias distam sete, doze e quinze léguas da cidade; a caça é muito pouca na terra, os pobres índios não são fartos dela e escassamente podem

<sup>18</sup> LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus*; César Augusto dos Santos (org.). t. 1, v. 1. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 29.

<sup>19</sup> LEITE, Serafim. Os “capítulos” de Gabriel Soares de Sousa. In: *ETHOS: Revista do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnologia*, p. 222-223.

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 224.

sustentar do que têm os Padres, que os ensinam, que residem com eles (...) Os padre não mandam courama ao reino nem têm engenhos de açúcar, nem canaviais (...).<sup>21</sup>

Se todos os bens enumerados pelos escolásticos do Colégio da Bahia eram apontados como sendo de extrema necessidade para a manutenção dos mesmos, como explicar o destaque dado pelo varão apostólico do Brasil à riqueza dos ornamentos presentes no interior dos Colégios da Companhia?

Segundo o padre Anchieta,

(...) o Padre Visitador determinou que, no dia da invenção da Santa Cruz [3 de maio], no qual se expõe o santo lenho e outras reliquias, para serem visitadas em a nossa igreja, em solene procissão dos nossos, pelos corredores particulares do Colegio, forrados de ricos tapetes, ornados de várias imagens e de flores, todas as reliquias dos Santos fossem conduzidas e colocadas, com toda a publicidade, em sacrario distinto, em cofrezinhos, previamente ornados.

Celebrou-se em seguida uma devota cerimonia, acompanhando o órgão, as flautas, e o clavicordio e as citaras a modulação dos salmos.

Os nossos Padres revestidos de riquissimos paramentos, debaixo de um palio de sêda adamascada, desfilando em boa ordem, carregavam as imagens da Santissima Virgem e outros Santos, os noviços, porém, e outros irmãos, trajando vestes brancas, conduziam velas acesas, semelhantemente vestidos, outros agitavam fumegantes turibulos.

Todas estas cousas respiravam tanta piedade e devoção, que muitos fidalgos, que instantaneamente haviam solicitado permissão para assistir a esta trasladação, admirando esta perfeição da Companhia, e impulsionados por ervorosa devoção, derramaram abundates lagrimas, e espalharam pela cidade entusiasticos elogios da Companhia.

Para a completa ornamentação desta capela, generosamente ofereceu certo Varão 23 covados de pelucia de seda, outro uma caixa de prata, ainda outro deu uma boa porção de assucar, para com seu produto se comprarem coisas necessarias; as quais esmolos perfazem sôma superior a 657\$000.<sup>22</sup>

Por fim, antes de tecer algumas conclusões em relação ao papel histórico dos Colégios jesuíticos na sociedade colonial quinhentista, voltemos aos trabalhos realizados pelos jesuítas escolásticos junto à sociedade. Ainda segundo o padre Anchieta,

Vou agora tratar do que respeita a utilidade e proveito das almas, em cujo exercício não faltou cuidado e diligência, para aumentar a glória do nome de Deus, nas contínuas assembléas que se reúnem, tanto em nossa igreja, como em maior (...) Para as paróquias estabelecidas e distantes daqui dezoito leguas, ou mais, são chamados os nossos, com o fim de desempenhar igual incumbencia [reunir assembléas]; e algumas vezes é tão consideravel a série de pedidos, que se não pôde satisfazer ao desejo de todos.

Não menos abundante é a seara das confissões, na qual os nossos padres incessantemente labutam, nem menos louvavel é tal desejo, pelo qual os moradores desta cidade aspiram a esse sacramento (...).

Tambem se não deve omitir esta vantagem, que as mais das vezes é apresentada pelos nossos, e vem a ser que as confissões determinam a muitos ouvintes e assintentes a restituição daqueles bens que não poderiam reter, ou possuir sem pecado, conciliam os que estavam separados pelo odio, alcançam o perdão das injúrias e socorrem com as esmolos que tiraram as mulheres, cuja honra e virtude corrm perigo, acomodam muitas demandas e questões antigas, e muitos livram do perigo da morte, e muitas outras não menor relevancia praticam, em honra de Deus e proveito do proximo, e todas elas se derivam, como de mananciais, das confissões e assembleas.<sup>23</sup>

<sup>21</sup> Ibid., p. 234-235.

<sup>22</sup> Breve Narração das coisas relativas aos Colégios e Residências da Companhia nesta província brasílica, no ano de 1584. In: ANCHIETA, José de. op. cit., p. 403.

<sup>23</sup> Ibid., p. 404-406.

Nesse sentido, se a análise feita por José Eisenberg em relação à presença jesuítica no Brasil quinhentista aponta haver uma distinção entre os ideais dos inacianos em atuação na Colônia já a partir da década de 1560, uma vez que os missionários que chegaram ao Brasil neste período interessavam-se mais pelos trabalhos nos povoados, preferindo cuidar da educação dos colonos a integrar as aldeias,<sup>24</sup> podemos afirmar que a partir das duas últimas décadas do século XVI os trabalhos realizados pelos jesuítas se aproximam em muitos aspectos das missões européias.<sup>25</sup> Os relatos das atividades realizadas pelos inacianos ligados dos Colégios de Pernambuco e do Rio, em meados da década de 1580, revelam uma maior importância dos ministérios de ensino destinados aos escolásticos assim como aqueles voltados para o auxílio aos habitantes das vilas e engenhos, se comparados aos trabalhos despendidos junto ao gentio. Segundo Anchieta,

Vivem neste Colegio [de Pernambuco] dos nossos 20 de ordinario; 11 Padres, os demais Irmãos (...) Suas ocupações com os proximos são uma lição de casos que ouvem os nossos, e de fóra dois a três estudantes e ás vezes nenhum; uma classe de gramatica que ouvem até 12 estudantes de fóra, e também os casos e gramatica estudam alguns da casa; escola de ler e escrever, que terá até 40 rapazes, filhos de portugueses. Prègam em nossa igreja de ordinario, e na matriz e em outras igrejas a miudo, confessam a maior parte de 8.000 Portugueses, que haverá naquela vila e comarca; são consultados frequentemente em casos de importancia por a terra ter muitos mercadores e trato; andam de contínuas missões nos engenhos (...) catequisam, batizam e acodem a outras necessidades extremas, não somente dos Portugueses, mas principalmente dos escravos que de Guiné serão até 10.000 e dos Indios da terra até 2.000, como acima se disse e como os clerigos não os entendem nem sabem sua lingua (...).<sup>26</sup>

No Colégio do Rio a situação era bastante parecida.

Vivem dos nossos neste Colegio de ordinario 24: 10 Padres e os demais Irmãos.(...) As ocupações dos nossos com os proximos são: uma lição de casos de consciencia que ouvem de ordinário um ou dois estudantes de fóra e ás vezes nenhum, mas sempre se lê aos de casa; uma classe de gramatica onde estudam 10 ou 12 meninos e alguns de casa, escola de ler e escrever que tem cêrca de 30 meninos, filhos de Portugueses. Prègam e confessam e, como há poucos clerigos, os nossos confessam a maior parte dos Portugueses, e estão ali benquistos e fazem fruto. Além disso têm a seu cargo duas aldeias de Indios cristãos: a primeira se diz S. Lourenço que está uma legua da cidade defronte do Colegio, vai-se a ela por mar e nela residem de contínuo três dos nosso, e todos são Padres; a outra é de S. Barnabé, dista da cidade sete leguas e por mar: esta se visitam a miudo e entre ambas terão quase 3.000 Indios.<sup>27</sup>

Segundo as informações coletadas por Castenau-L'Estoile, com base no Catálogo trienal da província do Brasil de 1598, de um total de 164 jesuítas instalados na Colônia, apenas 29 estavam ligados ao trabalho de catequese indígena, seja em aldeias fixas ou missões volantes.<sup>28</sup> Desta forma, as fontes apontam à existência de um processo em que a Companhia

<sup>24</sup> EISENBERG, José. As missões jesuíticas e o pensamento político moderno: encontros culturais, aventuras teóricas. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

<sup>25</sup> CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte de. *Operários de uma vinha estéril: Os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil (1580-1620)*. Bauru, SP: EDUSC, 2006, p. 209.

<sup>26</sup> Informação da Província do Brasil (1585). In: ANCHIETA, José de. op. cit., p. 419.

<sup>27</sup> Ibid., p. 429.

<sup>28</sup> CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte de. op. cit., p. 208-209.



de Jesus caminhava para um apostolado que priorizava práticas de caridade realizadas através das obras ensino nos Colégios, ou por meio das “missões urbanas”.

## Conclusão

Embora não se possa apontar o surgimento dos Colégios da Companhia como a única causa da crise surgida no âmbito dos aldeamentos durante as duas últimas décadas do século XVI – e que se estenderia até meados da década de 1610 -, devemos considerar o forte impacto causado pelas Escolas no ideal missionário dos inacianos.

Enviados à Colônia com o propósito de converter os nativos, fica claro haver, a partir da década de 1580, uma nítida distinção entre as posturas dos inacianos em função da opção pelos trabalhos despendidos junto aos Colégios, em detrimento àqueles realizados nas missões. Consolida tais argumentos o interessante evento envolvendo as medidas tomadas pelo centro da Ordem em Roma destinadas a reforçar o controle interno e externo sobre as aldeias. Preocupado com os “deslizes” dos missionários, tais como abusos na aplicação de castigos corporais, desvios sexuais e má administração do salário pago pelos colonos aos serviços prestados pelos índios, o Geral Aquaviva estabelece que cada aldeamento passe a ter o dobro de jesuítas residentes, isto é, quatro religiosos, reforçando assim a vigilância mútua nas aldeias. Na tentativa de cumprir tal regra, Pero Rodrigues envia para as aldeias alguns missionários já afastados dos trabalhos de catequese, assim como jovens jesuítas residentes nos Colégios e recém-chegados de Portugal.<sup>29</sup> O resultado de tal ação é narrado pelo próprio Provincial em carta enviada ao Geral em Roma, dois anos após ter tomado tal medida.

Comecey a executar a 1<sup>o</sup> Couse pondo 4 em cada aldea, mas dahi a poucos dias começarão de vir dellas alguns com doenças graves, com que o dito numero se diminhuo por não haver quem suprisse. Depois assi nas 4 aldeas deste Collegio como nas 2 de Pernambuco comecey a experimentar outras mais graes doenças. As quaes a charidade, consciencias e avisos de Vossa Paternidade me fazião acudir com mais diligencia, que era para huma parte a distração e perdição dos noviços, e de outros de pouco tempo do Collegio, que os olhos visto se hião perdendo. E da outra parte a moléstia e melancolia que outros sintião por os fazerem estar muito tempo nas aldeas quasi por força. Pello que huns me rogavão com lagrimas que os tirasse dellas, e se não que corrião perigo. E que me avisavão primeiro. Vendo eu estes perigos, e doença, consultando primeiro huma, e muitas vezes, os retirei para os Collegios procurando deixar sempre dous sacerdotes com hum irmão.<sup>30</sup>

A justificativa para o fracasso da aplicação de tal medida no Brasil era basicamente a falta de vontade dos inacianos em viver nas aldeias. O trabalho nos aldeamentos, neste período, era encarado pela Ordem como sendo algo extremamente perigoso para a integridade dos missionários, que, no entanto, lhes rendia a fama de “especialistas” no sentido depreciativo. Com média de idade entre 45 a 60 anos, sendo de 25 a 40 anos de trabalho

<sup>29</sup> Ibid.

<sup>30</sup> Apud CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte de. op. cit, p. 250.

prestados nas aldeias *ad majorem Dei gloriam*, os missionários eram considerados sem utilidade alguma para outros serviços que não fosse à conversão de índios. Estes “especialistas” geralmente possuíam apenas a formação básica para alcançarem a ordenação e assim pronunciarem os votos de coadjutores espirituais, não podendo, desta forma, alcançar à profissão do quarto voto, ou seja, o voto missionário; ficam ainda impossibilitados de se tornarem pregadores devido à insuficiência dos estudos em teologia.<sup>31</sup>

Além de o surgimento dos Colégios ter contribuído para com a “crise do espírito missionário” provocando uma tensão contínua no interior da Ordem em relação ao seu *modus procedendi*, forçava o envolvimento da Companhia de Jesus com inúmeras questões de caráter temporal, postura esta que lhe custaria, posteriormente, à supressão da Ordem em meados do século XVIII.

### **Referências Bibliográficas**

- ANCHIETA, José de. *Informações, fragmentos históricos e sermões*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988.
- ASSUNÇÃO, Paulo de. *Negócios Jesuíticos: O Cotidiano da Administração dos Bens Divinos*. São Paulo: EDUSP, 2004.
- CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e Gente do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980.
- CARTAS AVULSAS (Azpícueta Navarro e outros). Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988.
- CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte de. *Operários de uma vinha estéril: Os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil (1580-1620)*. Bauru, SP: EDUSC, 2006.
- EISENBERG, José. *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno: encontros culturais, aventuras teóricas*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus*; César Augusto dos Santos (org.). São Paulo: Edições Loyola, 2004. 4. v.
- \_\_\_\_\_. Os “capítulos” de Gabriel Soares de Sousa. In: *ETHOS: Revista do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnologia*. v. 2. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura, 1942.
- NÓBREGA, Manoel da. *Cartas do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988.
- O'MALLEY, John W. *Os Primeiros Jesuítas*. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS; Bauru, SP: EDUSC, 2004.

---

<sup>31</sup> CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte de. op. cit., p. 222.